

PNAD/CAGED

Mercado de Trabalho no ES

Relatório trimestral

Elaborado por: André Spalenza, Felipe Montini e Eduarda Gripp.

DESEMPREGO RECUA PARA 2,3% NO ES, MAS INFORMALIDADE AVANÇA E CHEGA A 40%

MESMO COM O AUMENTO DA INFORMALIDADE, ESTADO CRIOU 24.177
EMPREGOS FORMAIS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2026

O QUE ACONTECEU?

No segundo trimestre de 2026, o mercado de trabalho capixaba apresentou forte redução do desemprego, com a taxa de desocupação atingindo o menor nível da série histórica, de 2,3%. O número de ocupados cresceu, impulsionado principalmente por Serviços, Agropecuária e Construção. Entretanto, a informalidade aumentou para 40%, refletindo o crescimento de ocupações sem carteira assinada e de trabalhadores familiares auxiliares.

COMO ISSO AFETA A ECONOMIA CAPIXABA?

O baixo desemprego reforça a capacidade da economia capixaba de gerar e absorver mão de obra, sustentando renda, consumo e atividade econômica. A geração de empregos formais também permaneceu positiva, especialmente no interior. Por outro lado, a elevada informalidade limita os ganhos de qualidade do mercado de trabalho e amplia a vulnerabilidade dos trabalhadores, enquanto a queda na atividade industrial sinaliza desafios para a diversificação e a geração de empregos mais estáveis.

QUAIS OS RISCOS E AS OPORTUNIDADES?

Entre as oportunidades, destacam-se a continuidade da geração de empregos formais, o fortalecimento de Serviços, Construção e atividades logísticas e a expansão do emprego no interior. Entre os riscos, destacam-se a persistência da informalidade, a sazonalidade das contratações agropecuárias, que tendem a ser desfeitas nos próximos meses e a fragilidade da geração de empregos na Indústria no período recente.

TAXA DE DESOCUPAÇÃO

2,3%

3ª menor taxa do país

DESOCUPADOS

49 mil (-17 mil no trimestre)

TAXA DE INFORMALIDADE

40%

OCUPADOS INFORMALMENTE

832 mil (+57 mil)

TAXA DE DESEMPREGO E INFORMALIDADE

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua/IBGE), a taxa de desocupação no Espírito Santo recuou no segundo trimestre de 2026, alcançando 2,3% da população economicamente ativa. O resultado representa uma redução de 0,9 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e corresponde à menor taxa de desemprego da série histórica, iniciada em 2012. O indicador também ficou abaixo do observado no quarto trimestre de 2025, quando a taxa havia alcançado 2,4%, sendo a menor até então.

No cenário nacional, a taxa de desocupação também apresentou queda, passando de 6,1% no primeiro trimestre para 5,4% no segundo trimestre de 2026, uma redução de 0,7 ponto percentual. Apesar do recuo, o resultado permaneceu acima do registrado no quarto trimestre de 2025, quando o desemprego havia atingido 5,1%. Assim, diferentemente do Espírito Santo, o mercado de trabalho brasileiro não alcançou uma nova mínima histórica no período.

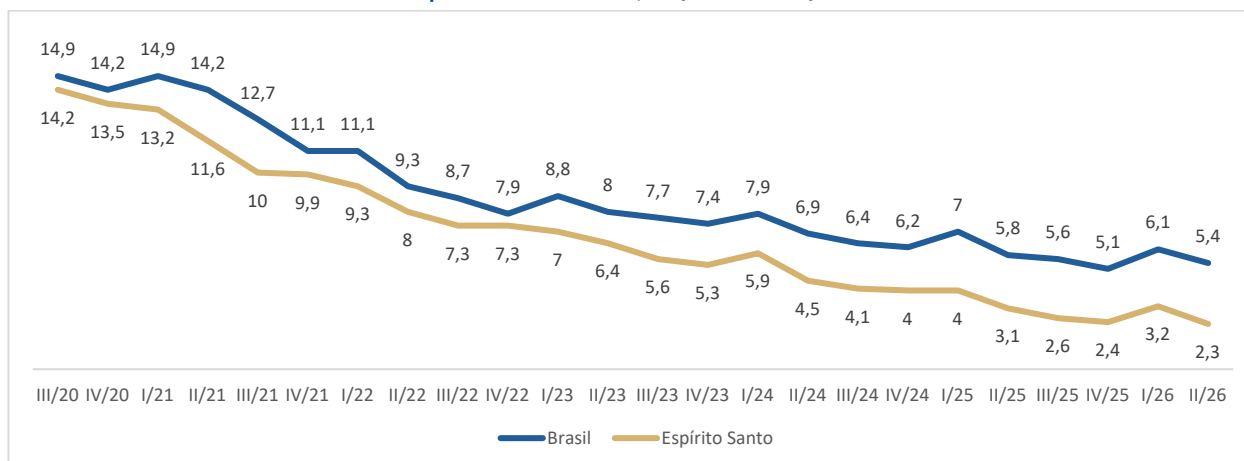
Com a taxa de 2,3%, o Espírito Santo apresentou a terceira menor taxa de desocupação entre os estados brasileiros, atrás apenas de Santa Catarina, com 2,1%, e Mato Grosso, com 2,2%. A trajetória de redução do desem-

prego no estado também se mostra expressiva ao longo dos últimos anos. A taxa, que havia alcançado 14,2% no terceiro trimestre de 2020, recuou para 2,3% no segundo trimestre de 2026, uma redução de 11,9 pontos percentuais em cerca de seis anos.

Esse cenário aproxima o mercado de trabalho capixaba de uma situação de pleno emprego, caracterizada por níveis reduzidos de desocupação, nos quais parcela relevante do desemprego tende a estar associada a movimentos transitórios ou a desajustes entre as características da mão de obra disponível e as oportunidades existentes. Nesse contexto, as prioridades das políticas públicas passam gradualmente da ampliação da quantidade de postos de trabalho para o aprimoramento da qualidade das ocupações. Ganham importância aspectos como formalização, estabilidade, proteção social, remuneração, oportunidades de progressão profissional e redução das desigualdades de acesso ao mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, torna-se cada vez mais relevante enfrentar os gargalos de qualificação em setores que apresentam escassez de profissionais, aproximando as competências disponíveis das necessidades das empresas e contribuindo para um melhor equilíbrio entre oferta e demanda por mão de obra.



Taxa (%) de desemprego trimestral, Brasil e Espírito Santo, III/20 – II/26



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Apesar da queda na taxa de desocupação, que atingiu o menor nível da série histórica, esse movimento foi acompanhado por uma elevação da informalidade no mercado de trabalho capixaba. No segundo trimestre de 2026, a taxa de informalidade alcançou 40,0%, um aumento de 1,4 ponto percentual em relação ao primeiro trimestre. Esse resultado representa também o maior nível registrado desde o segundo trimestre de 2022, evidenciando um avanço da informalidade após um período de relativa redução nos últimos anos.

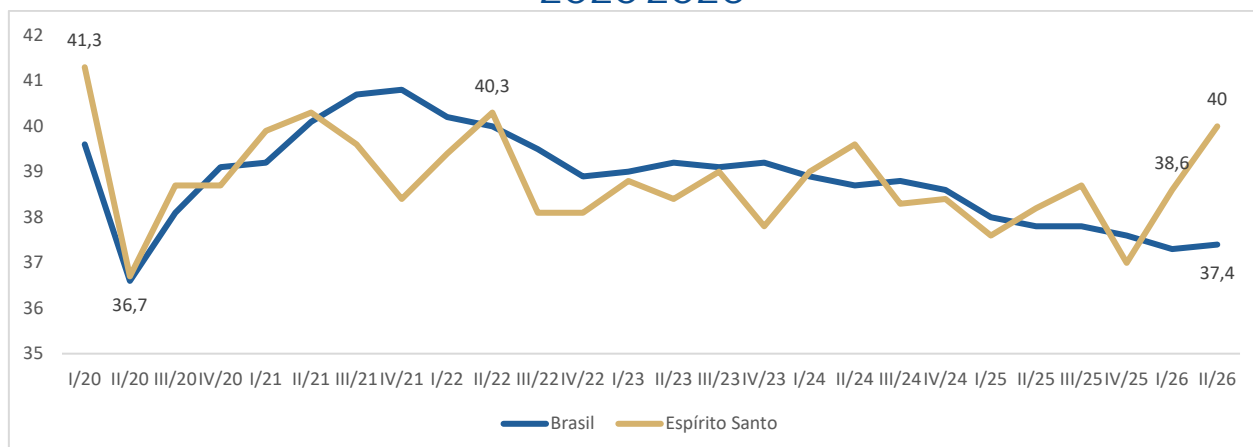
No Brasil, por outro lado, a taxa de informalidade permaneceu relativamente estável no período, alcançando 37,4%. Com isso, o Espírito Santo manteve uma taxa superior à média nacional, indicando uma maior partici-

pação de trabalhadores em ocupações informais no mercado de trabalho capixaba.

Com isso, os dados indicam que a redução da desocupação no Espírito Santo no segundo trimestre esteve acompanhada por uma expansão das ocupações informais. Esse movimento inclui tanto empregados sem carteira assinada quanto trabalhadores por conta própria e empregadores que não possuem registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Dessa forma, embora o estado apresente um nível historicamente baixo de desemprego, a elevada informalidade permanece como um dos principais desafios estruturais do mercado de trabalho capixaba, especialmente no que se refere à qualidade das ocupações, à proteção social e à estabilidade dos vínculos de trabalho.



Taxa (%) de informalidade trimestral, Brasil e Espírito Santo, 2020-2026



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

No Espírito Santo, cerca de 2,129 milhões de pessoas compõem a força de trabalho, também denominada População Economicamente Ativa (PEA), que reúne tanto as pessoas ocupadas quanto aquelas que estão em busca de emprego. No segundo trimestre de 2026, o contingente de pessoas desocupadas passou de 66 mil para 49 mil, uma redução de aproximadamente 17 mil indivíduos. Esse resultado é especialmente significativo por representar a primeira vez, desde o início da série histórica, em 2012, que o número de desocupados no estado fica abaixo de 50 mil pessoas, evidenciando a elevada absorção de mão de obra pelo mercado de trabalho capixaba.

Ao mesmo tempo, o número de pessoas ocupadas alcançou aproximadamente 2,080 milhões, um aumento estimado em 71 mil ocupados em relação ao trimestre anterior. Entretanto, a expansão da ocupação ocorreu predominantemente por meio de vínculos informais. No período, o Espírito Santo passou a registrar cerca de 832 mil trabalhadores em situação de informalidade, um aumento de 57 mil pessoas em relação ao primeiro trimestre de 2026. Assim, embora a geração de ocupações tenha contribuído para a redução do desemprego, uma parcela significativa desse avanço ocorreu em postos sem as garantias associadas à formalização.

Características Populacionais e Ocupacionais (mil pessoas), ES

Espírito Santo	2º Trimestre 2025	1º Trimestre 2025	2º Trimestre 2026	Diferença (mil pessoas)	
				2º Tri/26 - 1º Tri/26	2º Tri/26 - 2º Tri/25
Pessoas de 14 anos ou mais	3.366	3.390	3.400	10	34
Força de Trabalho (PEA)	2.105	2.075	2.129	54	24
Ocupados	2.039	2.009	2.080	71	41
Ocupados em situação de informalidade	779	775	832	57	53
Desocupados	65	66	49	-17	-16
Fora da Força de Trabalho	1.261	1.315	1.271	-44	10

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Mais da metade das pessoas ocupadas no Espírito Santo atuava como empregada no setor privado no segundo trimestre de 2026. Esse grupo reunia aproximadamente 1,067 milhão de trabalhadores, o equivalente a 51,3% da população ocupada no estado. Em relação ao primeiro trimestre, houve um crescimento estimado de 2,5% nesse contingente. No entanto, a expansão ocorreu de forma mais intensa entre os trabalhadores sem carteira assinada, cujo número aumentou 6,0%, enquanto o contingente de empregados com carteira cresceu 1,1%. Esse comportamento contribuiu diretamente para o avanço da informalidade observado no período.

Entre os trabalhadores domésticos, também predominou a informalidade. Estima-se que 104 mil pessoas exercem esse tipo de atividade no estado, das quais aproximadamente 78 mil, ou 75%, estavam em situação informal. O resultado reforça a elevada vulnerabilidade dessa categoria, marcada pela expressiva participação de trabalhadores sem vínculo formalizado.

Outro destaque foi o aumento do número de trabalhadores familiares auxiliares, categoria que reúne pessoas que trabalham em atividades econômicas de familiares sem receber remuneração. O contingente cresceu 36,8% no período, o equivalente a aproximadamente 14 mil pessoas a mais nessa condição. Por sua própria natureza, essa forma de inserção está associada à informalidade e pode refletir maior vulnerabilidade econômica, uma vez que o trabalho é realizado sem remuneração direta e sem as garantias associadas a um vínculo formal.

O avanço dos trabalhadores domésticos sem carteira assinada e dos trabalhadores familia-

res auxiliares sinaliza uma expansão de formas mais vulneráveis de inserção no mercado de trabalho, caracterizadas por menor segurança econômica e menor acesso à proteção social. Dessa forma, esses grupos devem receber atenção prioritária em políticas voltadas à formalização, à geração de renda e à ampliação das oportunidades de inserção produtiva.

Em sentido oposto, o número de empregadores recuou 12,6% no período. Essa categoria é particularmente relevante por reunir empresários que, além de exercerem atividade econômica, são responsáveis pela geração de postos de trabalho. Parte dessa redução pode estar relacionada à migração de trabalhadores para outras posições na ocupação, seja como empregados do setor privado, seja como trabalhadores por conta própria. Essa última categoria apresentou crescimento de 5,4%, alcançando aproximadamente 505 mil pessoas no estado.

Os trabalhadores por conta própria, que incluem profissionais autônomos e pequenos empreendedores que utilizam o próprio trabalho e seus recursos para prestar serviços ou desenvolver atividades econômicas, representavam 24,3% da população ocupada do Espírito Santo no segundo trimestre de 2026. Diferentemente do observado entre os empregados do setor privado e os trabalhadores domésticos, a expansão dessa categoria ocorreu de forma mais intensa entre aqueles que possuíam CNPJ. O contingente de trabalhadores por conta própria formalizados cresceu 7,7% no período, contribuindo para uma redução da informalidade dentro da própria categoria. Apesar disso, a informalidade ainda permanece elevada, alcançando aproximadamente 72,3% dos trabalhadores por conta própria no estado.

Dessa forma, o aumento da informalidade no segundo trimestre de 2026 esteve concentrado principalmente na expansão dos empregados sem carteira assinada no setor privado e dos trabalhadores domésticos nessa mesma condição. A esse movimento somou-se o expressivo crescimento dos trabalhadores familiares auxiliares, contribuindo para a

elevação da taxa de informalidade no estado. Embora tenha havido avanços na formalização entre os trabalhadores por conta própria, esse movimento não foi suficiente para compensar o aumento das formas mais vulneráveis de inserção ocupacional observado no período.

Pessoas Ocupadas (Mil pessoas), por tipo de ocupação, ES

Tipo de Ocupação	2º Trimestre 2025	1º Trimestre 2025	2º Trimestre 2026	Variação		Participação
				2º Tri/26 - 1º Tri/26	2º Tri/26 - 2º Tri/25	2º Tri/26
Empregado no setor privado, exclusive trabalhador doméstico	1.074	1.041	1.067	2,5%	-0,7%	51,3%
Com carteira assinada	767	742	750	1,1%	-2,2%	36,1%
Sem carteira assinada	307	299	317	6,0%	3,3%	15,2%
Trabalhador doméstico	91	91	104	14,3%	14,3%	5,0%
Com carteira assinada	25	24	26	8,3%	4,0%	1,3%
Sem carteira assinada	66	67	78	16,4%	18,2%	3,8%
Empregado no setor público	250	248	255	2,8%	2,0%	12,3%
Empregador	93	111	97	-12,6%	4,3%	4,7%
Com CNPJ	75	89	76	-14,6%	1,3%	3,7%
Sem CNPJ	19	22	20	-9,1%	5,3%	1,0%
Conta própria	497	479	505	5,4%	1,6%	24,3%
Com CNPJ	144	130	140	7,7%	-2,8%	6,7%
Sem CNPJ	353	349	365	4,6%	3,4%	17,5%
Trabalhador familiar auxiliar	34	38	52	36,8%	52,9%	2,5%
Total	2.039	2.009	2.080	3,5%	2,0%	100,0%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Entre os cinco grandes setores de atividade, apenas a Indústria apresentou retração no número de ocupados no segundo trimestre de 2026, com queda de 3,8% em relação ao trimestre anterior. Na comparação com o mesmo período de 2025, o contingente de trabalhadores ocupados no setor recuou 11,8%. Esse movimento ocorre em um contexto de redução da produção industrial no estado e pode estar relacionado aos ajustes realizados pelas empresas diante do menor nível de atividade. De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal de Produção

Física (PIM-PF/IBGE), a produção física da Indústria de Transformação no Espírito Santo acumulou queda de 2,8% no primeiro semestre de 2026, na comparação com o mesmo período do ano anterior. A retração foi influenciada principalmente pelos segmentos de fabricação de produtos alimentícios, com redução de 9,7%, e de fabricação de celulose, papel e produtos de papel, que apresentou queda de 6,9%. Nesse contexto, é possível que parte das empresas tenha ajustado seus quadros de pessoal em resposta à redução do nível de produção.

Na direção oposta, a Agropecuária apresentou a maior expansão no trimestre, com crescimento de 7,1% no número de ocupados. O resultado está associado, principalmente, ao período de colheita do café conilon, principal produto agrícola do Espírito Santo. A atividade tende a elevar temporariamente a demanda por mão de obra no campo, contribuindo para a geração de ocupações sazonais e para o fortalecimento da atividade econômica em diferentes regiões do interior do estado.

O setor de Serviços também apresentou expansão expressiva, com aumento de 4,8% no número de ocupados em relação ao trimestre anterior. Entre os segmentos que mais contribuíram para esse resultado destacam-se os Serviços Domésticos, com crescimento de 15,4%, e o segmento de Outros Serviços, que avançou 8,5%. Também merece destaque o segmento de Transporte, armazenagem e correio, cujo número de

ocupados cresceu 5,7%. O segmento alcançou aproximadamente 129 mil trabalhadores, o maior contingente registrado no estado desde o início da série histórica, em 2012. A expansão dessa atividade reforça a importância crescente do Espírito Santo como polo logístico, favorecida por sua posição geográfica e por sua infraestrutura de transporte e movimentação de cargas.

A Construção Civil registrou crescimento de 2,7% no trimestre e de 10,1% em relação ao segundo trimestre de 2025, apresentando a maior expansão entre os grandes setores na comparação interanual. O resultado demonstra a continuidade do avanço da atividade e de sua capacidade de geração de postos de trabalho. No Comércio, o número de ocupados cresceu 1,9% em relação ao trimestre anterior, indicando uma recuperação das contratações após o período de menor volume de vendas observado no primeiro trimestre do ano.



Pessoas Ocupadas (Mil pessoas) por setores, ES

SETORES	2º Trimestre 2025	1º Trimestre 2025	2º Trimestre 2026	Variação	
				2º Tri/26 - 1º Tri/26	2º Tri/26 - 2º Tri/25
Agropecuária	285	280	300	7,1%	5,3%
Indústria	229	210	202	-3,8%	-11,8%
Construção Civil	139	149	153	2,7%	10,1%
Comércio	374	375	382	1,9%	2,1%
Serviços	1.012	994	1.042	4,8%	3,0%
Transporte, armazenagem e correio	114	122	129	5,7%	13,2%
Alojamento e alimentação	106	96	101	5,2%	-4,7%
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	231	237	237	0,0%	2,6%
Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	364	342	355	3,8%	-2,5%
Outros serviços	106	106	115	8,5%	8,5%
Serviços domésticos	91	91	105	15,4%	15,4%
TOTAL	2.039	2.009	2.080	3,5%	2,0%

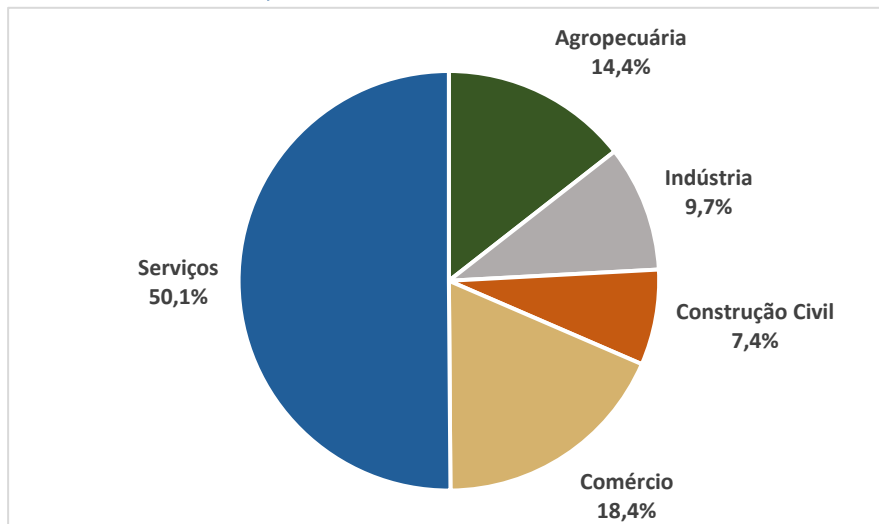
Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

A evolução dos setores alterou a composição da população ocupada no estado. Com a retração observada na Indústria, a participação do setor caiu para 9,7% do total de ocupados no Espírito Santo. Em contrapartida, os Serviços ampliaram sua participação e passaram a responder por 50,1% da população ocupada, o que significa que mais da metade dos trabalhadores capixabas está inserida nesse setor. O Comércio, por sua vez, representa 18,4% do total de ocupados.

Em conjunto, Serviços e Comércio concentram 68,5% da população ocupada do Espírito Santo, correspondendo a aproximadamente 1,424 milhão de trabalhadores. Esse resultado evidencia a forte concentração do mercado de trabalho capixaba nas atividades terciárias, ao mesmo tempo em que a redução da participação da Indústria reforça a importância de acompanhar os efeitos da desaceleração da produção industrial sobre o emprego no estado.



Representatividade (%) de pessoas ocupadas por setor,
ES, 2º trimestre de 2026



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

A taxa de desocupação no Espírito Santo recuou para 2,3% no segundo trimestre de 2026, mantendo o estado com a menor taxa de desemprego da Região Sudeste e a terceira menor do país. O resultado evidencia um mercado de trabalho aquecido, com elevada capacidade de absorção da mão de obra disponível e um contingente historicamente reduzido de pessoas em busca de emprego.

Em contrapartida, a informalidade permanece como um dos principais desafios estruturais do mercado de trabalho capixaba. O Espírito Santo apresenta atualmente a maior taxa de informalidade entre os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, ficando atrás apenas dos estados das regiões Norte e Nordeste, que historicamente registram níveis mais elevados de informalidade. Esse cenário revela que a redução do desemprego não tem sido acompanhada, na mesma intensidade, pela melhoria da qualidade dos vínculos de trabalho.

A taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas também apresentou aumento no período, passando de 1,5% para 1,8%. Apesar da elevação, o indicador permanece em patamar baixo e indica que a maior parte dos trabalhadores ocupados

consegue exercer jornadas compatíveis com sua disponibilidade e interesse em trabalhar.

Outro indicador relevante é a taxa de subutilização da força de trabalho, que reúne as pessoas desocupadas, os trabalhadores subocupados por insuficiência de horas e aqueles que gostariam de trabalhar, mas não buscaram emprego. No Espírito Santo, esse indicador foi estimado em 6,2% no segundo trimestre de 2026, a quinta menor taxa entre os estados brasileiros e significativamente abaixo da média nacional, de 12,9%.

Em conjunto, os indicadores reforçam a elevada capacidade do mercado de trabalho capixaba de gerar e absorver mão de obra. O estado combina a menor taxa de desemprego de sua série histórica com níveis reduzidos de subocupação e subutilização da força de trabalho, indicando que uma parcela relativamente pequena da população economicamente ativa permanece em situação de insuficiente aproveitamento de sua capacidade de trabalho. Por outro lado, a elevada informalidade evidencia que o principal desafio não está apenas na geração de ocupações, mas também na melhoria da qualidade dos vínculos, na ampliação da proteção social e na formalização das relações de trabalho.

Ranking da Taxa de Desocupação (%) das Unidades da Federação, 2º trimestre de 2026

Ranking	Estados	Taxa (%) de desocupação	Taxa (%) de Informalidade	Rendimento Médio (R\$)*	Taxa (%) de Subocupação	Taxa (%) de Subutilização
1º	Santa Catarina	2,1	25,4	4.301	1,1	4,1
2º	Mato Grosso	2,2	34,1	3.994	2	6,1
3º	Espírito Santo	2,3	40	3.505	1,8	6,2
4º	Rondônia	2,6	42	3.720	1,7	6
5º	Mato Grosso do Sul	2,7	29,2	3.731	1,6	6,2
6º	Paraná	3,1	30,5	4.083	2,5	7,9
8º	Minas Gerais	3,8	36,5	3.341	3,7	10,5
13º	São Paulo	5,4	30,1	4.336	2,7	10,3
20º	Rio de Janeiro	7,1	37,1	4.001	4	13
-	Brasil	5,4	37,4	3.621	4	12,9

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES. *Habitualmente recebido no trabalho principal

EMPREGOS FORMAIS

Apesar do aumento da informalidade observado no mercado de trabalho no período recente, o Espírito Santo apresentou expansão na geração de empregos formais no primeiro semestre de 2026. De acordo com os dados do Novo Caged, foram criados 27.177 postos de trabalho com carteira assinada no estado, um crescimento de 16,9% em relação ao mesmo período de 2025, o equivalente à geração de 3.494 vagas adicionais.

Todos os grandes setores de atividade apresentaram saldo positivo no acumulado do ano. O principal destaque foi o setor de Serviços, responsável pela criação de 9.180 postos formais, um aumento de 28,2% em relação ao primeiro semestre de 2025. A Agropecuária também apresentou forte geração de empregos, com 7.867 novos postos, impulsionados principalmente pelas contratações temporárias relacionadas à safra de café. O período de colheita exerce importante influência sobre o mercado de trabalho e a atividade econômica de diversos municípios do interior do estado.

A Indústria gerou 3.309 empregos formais no primeiro semestre, 543 postos a menos do que no mesmo período do ano anterior, sendo o único grande setor a apresentar retração na geração de vagas. Esse resultado ocorre em um contexto de redução da produção da Indústria de Transformação no estado, segmento que concentra 85,6% dos empregos formais da Indústria, o que pode ter contribuído para a menor criação de postos no setor.

O setor de Construção Civil apresentou um dos resultados mais expressivos do período, com a criação de 3.029 empregos formais, 1.279 vagas a mais do que no primeiro semestre de 2025. Esse resultado representa um crescimento de 73,1% na geração de postos e reflete o avanço de atividades relacionadas à construção de edifícios, obras de infraestrutura, reformas residenciais e comerciais e ao mercado imobiliário. A expansão dessas atividades amplia a demanda por mão de obra e também beneficia uma série de segmentos associados à cadeia da construção.

Por fim, o Comércio registrou a criação de 792 empregos formais no primeiro semestre, 304 postos a mais do que no mesmo período do ano anterior. Embora o saldo seja mais modesto em comparação com os demais setores, o resultado demonstra que o segmento continuou ampliando o emprego formal mesmo diante de um período tradi-

cionalmente marcado por menor volume de vendas. A dinâmica do setor tende a se intensificar no segundo semestre, quando a concentração de datas comemorativas e períodos de maior consumo, como a Black Friday e o Natal, costuma impulsionar as vendas e ampliar a demanda por trabalhadores, especialmente no varejo.

Painel de Geração de Empregos por Setor, ES, Jun/25-Jun/26

SETORES	Saldo			Saldo Acumulado no Ano			
	Jun/26	Jun/25	Diferença	1º Sem/26	1º Sem/25	Diferença	Variação
Serviços	894	-65	959	9.180	7.159	2.021	28,2%
Comércio	477	1.174	-697	792	488	304	62,3%
Indústria	445	26	419	3.309	3.852	-543	-14,1%
Construção	-26	356	-382	3.029	1.750	1.279	73,1%
Agropecuária	-4.049	-4.930	881	7.867	7.434	433	5,8%
Total	-2.259	-3.439	1.180	24.177	20.683	3.494	16,9%

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

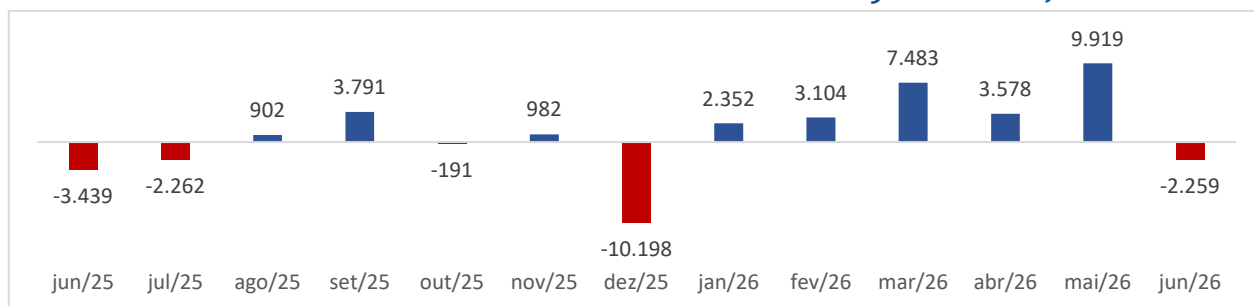
Em junho, o Espírito Santo registrou o fechamento de 2.259 empregos formais. O resultado foi determinado principalmente pelo desempenho da Agropecuária, que apresentou saldo negativo com o início dos desligamentos associados ao encerramento da colheita do café conilon. O movimento ocorre após o forte aumento das contratações temporárias observado nos meses de abril e maio, período em que a safra impulsionou a geração de empregos no setor e atingiu níveis recordes.

Além da Agropecuária, a Construção apresentou saldo negativo no mês, com o fechamento de 26 postos de trabalho. Os demais grandes setores registraram resultados positivos. Os Serviços lideraram a geração de empregos, com 894 novas vagas, seguidos pelo Comércio, com 477, e pela Indústria,

com 445 postos. Dessa forma, o resultado negativo observado em junho esteve concentrado principalmente na Agropecuária, não caracterizando uma retração generalizada do mercado de trabalho formal.

Apesar do saldo negativo em junho, o mercado de trabalho formal capixaba apresentou desempenho consistente ao longo do primeiro semestre de 2026. A geração de empregos permaneceu relativamente distribuída entre os meses, com saldos superiores a 2 mil postos de trabalho em todos os meses entre janeiro e maio. O comportamento reforça que a retração observada em junho está associada, em grande medida, à sazonalidade da atividade agropecuária e ao encerramento do ciclo de contratações temporárias relacionado à colheita do café.

Saldo mensal entre admissões e desligamentos, ES



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Com o resultado de junho, o Espírito Santo passou a contabilizar 940.383 vínculos formais de trabalho, volume 1,9% superior ao registrado no mesmo mês de 2025. A expansão do estoque de empregos foi impulsionada principalmente pelo setor terciário, que apresentou crescimento de 15.746 vínculos no período. Entre os segmentos que compõem esse setor, os Serviços registraram aumento de 2,5% no estoque de empregos formais, enquanto o Comércio apresentou expansão de 2,3%.

Em junho, o setor terciário concentrava 70,6% de todos os vínculos formais do estado. Os Serviços respondiam por 45,4% desse total e o Comércio por 25,2%. Juntos, os dois segmentos reuniam 661.766 vínculos

formais, reforçando sua relevância para a geração de emprego e renda no Espírito Santo e sua importância na estrutura do mercado de trabalho formal capixaba.

A Agropecuária e a Construção também apresentaram expansão do estoque de empregos formais nos últimos doze meses, com crescimentos de 1,2% e 1,1%, respectivamente. Na Indústria, por outro lado, o estoque permaneceu praticamente estável no período, com apenas 183 vínculos adicionais em relação a junho de 2025. O resultado evidencia a dificuldade do setor em ampliar de forma consistente o número de empregos formais no estado, especialmente diante da retração observada na produção industrial no primeiro semestre de 2026.

Quantidade de empregos por setor, ES

SETORES	Jun/26	Jun/25	Variação (%)	Diferença	Participação (Jun/26)
Serviços	426.631	416.277	2,5%	10.354	45,4%
Comércio	236.631	231.239	2,3%	5.392	25,2%
Indústria	161.562	161.379	0,1%	183	17,2%
Construção	75.790	74.974	1,1%	816	8,1%
Agropecuária	39.769	39.313	1,2%	456	4,2%
Total	940.383	923.182	1,9%	17.201	-

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Entre os municípios capixabas, Vitória se destacou na geração de empregos formais no primeiro semestre de 2026, com a criação de 4.182 postos de trabalho. O resultado foi concentrado principalmente nos setores de Serviços, responsável por 2.889 novas vagas, e Construção, que gerou 1.141 postos no período.

Na sequência, destacaram-se dois municípios do interior do estado: Linhares, com 2.523 novos empregos formais, e Aracruz, com 2.106. Em Linhares, a Agropecuária foi responsável pela maior parcela da geração de vagas, com 1.140 postos. Em Aracruz, por sua vez, o desempenho foi impulsionado pela Indústria, que respondeu pela criação de 1.530 empregos formais no semestre.

No acumulado do primeiro semestre, a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) registrou a criação de 7.570 empregos formais, enquanto os municípios do interior foram responsáveis por 16.607 novos postos, correspondentes a aproximadamente 69% do total gerado no Espírito Santo. Esse resultado contribui não apenas para a

ampliação da renda e do consumo nos municípios do interior, mas também para uma distribuição mais equilibrada das oportunidades de trabalho e da atividade econômica entre as diferentes regiões do estado, reduzindo a concentração na Região Metropolitana.

Apesar desse desempenho, a geração de empregos formais no interior permanece fortemente condicionada à sazonalidade da Agropecuária. No primeiro semestre, 47,2% dos postos formais criados no interior do Espírito Santo estiveram relacionados ao setor, com parcela expressiva das contratações associada à safra do café e, portanto, de caráter temporário. Com o encerramento do período de colheita, parte significativa desses vínculos tende a ser desfeita nos meses seguintes. Nesse contexto, torna-se relevante ampliar a capacidade dos demais setores da economia de absorver essa mão de obra, criando oportunidades de permanência no mercado formal e reduzindo a vulnerabilidade dos municípios do interior aos ciclos sazonais da atividade agropecuária.



Ranking dos municípios do Espírito Santo para o saldo entre admissões e desligamentos

Ranking	Município	Saldo 1º Sem/26
1º	Vitória	4.182
2º	Linhares	2.523
3º	Aracruz	2.106
4º	Vila Velha	1.896
5º	Jaguare	1.535
6º	Sooretama	1.427
7º	Serra	1.353
8º	Cachoeiro de Itapemirim	968
9º	São Mateus	914
10º	Vila Valério	890
-	Grande Vitória	7.570
-	Interior	16.607

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

De forma geral, os resultados evidenciam a capacidade do Espírito Santo de gerar empregos formais mesmo em um contexto de baixa taxa de desocupação e aumento da informalidade. Nesse cenário, um dos principais desafios para o setor produtivo passa a ser tornar o emprego formal mais atrativo diante das alternativas informais e de outras

formas de inserção no mercado de trabalho. Para isso, estratégias relacionadas à melhoria da remuneração, à ampliação dos benefícios, à maior flexibilidade das jornadas e à adoção de modelos híbridos de trabalho podem contribuir para aumentar a capacidade das empresas de atrair e reter trabalhadores, principalmente os mais jovens.



OPINIÃO DO EMPRESARIADO CAPIXABA



Francisco Carvalho

“Temos uma carência enorme de mão de obra qualificada e não existe uma solução simples para isso. Precisamos desenvolver as pessoas e, ao mesmo tempo, utilizar a tecnologia para potencializar o trabalho.”

Para complementar a análise dos indicadores do mercado de trabalho, o relatório incorpora a perspectiva de **Francisco Carvalho, Presidente dos Conselhos de Administração da Timenow**, sobre os desafios enfrentados pelas empresas na contratação e qualificação de profissionais. A partir de sua experiência no setor de engenharia, ele destaca a crescente dificuldade de encontrar mão de obra qualificada, a necessidade de ampliar a aproximação entre empresas e instituições de ensino e o papel da capacitação e da tecnologia na resposta às novas demandas do mercado de trabalho. Confira:

“Hoje em dia, na minha opinião, existe uma constatação geral de que temos uma limitação muito grande de profissionais qualificados para trabalhar. E, entrando no contexto da nossa empresa, que é uma empresa de capital intelectual, mão de obra e pessoas qualificadas são fundamentais para nós. Então, a dificuldade de conseguir profissionais qualificados para o trabalho está cada vez maior. Essa é, inclusive, uma das razões pelas quais investimos tanto em tecnologia, porque não é uma questão simples de resol-

ver. É uma questão de país e, eu diria até mais, não é só do Brasil, mas de vários lugares. Mesmo nos Estados Unidos, onde também estamos presentes, dependendo do trabalho, existe dificuldade de encontrar pessoas dispostas a trabalhar na indústria, que é o nosso caso aqui.

No nosso caso, temos profissionais que precisam ter algum nível de especialização. Temos desde profissionais que trabalham com planejamento, que precisam entender de software, de obra, de administração de contratos, gestão de custos e fiscalização, até profissionais que atuam diretamente como fiscais e precisam dominar suas áreas específicas, seja mecânica, civil ou elétrica. Então, não é uma mão de obra simples de encontrar.

Diante disso, o que tentamos fazer é capacitar internamente. Temos um programa que começa desde o estágio, o Time Players, por meio do qual buscamos profissionais nas universidades e procuramos desenvolver competências que muitas vezes eles não aprendem na faculdade. É importante que

aprendam, por exemplo, a trabalhar em grupo, tomar decisões e lidar com situações concretas do ambiente profissional. Procuramos conectar esse profissional a atividades alinhadas ao seu currículo. Se é alguém da administração, vai para a área administrativa ou financeira; se é engenheiro, é inserido em um contrato para aprender a conviver com a área, compreender os processos e adquirir experiência prática.

Então, vejo muito essa questão pelo caminho da capacitação. Resumindo, temos uma carência enorme de mão de obra qualificada e não existe uma solução simples para isso. Acho que precisamos, de fato, desenvolver as pessoas quando for possível e, ao mesmo tempo, utilizar a tecnologia para potencializar o trabalho e permitir que façamos mais com menos pessoas.

Também acho que existem outras iniciativas que poderiam ser desenvolvidas para ampliar essa formação e aproximar mais a academia do mercado. As empresas poderiam contribuir mais diretamente com as instituições de ensino, levando profissionais que atuam no mercado para compartilhar experiências e conhecimentos em sala de aula. Não seria apenas aquela formação acadêmica, que obviamente é importante, mas uma formação mais conectada à atividade profissional e às demandas reais do mercado. Acho que essa aproximação poderia

contribuir muito para preparar melhor os profissionais para os desafios que vão encontrar no dia a dia.

Eu acredito que muitas outras empresas também teriam interesse em participar de uma iniciativa como essa. Poderíamos pensar, inclusive, em algo junto à Fecomércio, voltado à capacitação de profissionais técnicos em uma escala maior. Hoje, dentro da empresa, temos uma limitação para fazer isso, porque capacitar pessoas não é a nossa atividade final. É uma necessidade que temos, mas não conseguimos atender tudo internamente.

Por outro lado, eu poderia contribuir em um eventual programa desse tipo, assim como a empresa. E não apenas a nossa empresa: acredito que conseguiríamos reunir vários outros players da área de engenharia para participar também de um processo como esse.

Acho que é muito uma questão de enfrentarmos o problema em conjunto e não ficarmos esperando que o governo resolva tudo. Também temos interesse direto nessa solução, então não podemos ficar parados esperando que os outros façam. Precisamos participar, construir alternativas e aproximar as empresas das instituições de ensino para formar os profissionais que o mercado realmente precisa.”



Notas

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua Trimestral) é uma pesquisa realizada através de uma amostra de domicílios e destina-se a produzir informações sobre a inserção da população na força de trabalho. Sua amostra foi desenhada visando produzir informações trimestrais.

Diferentemente dos dados disponibilizados pelo RAIS/CAGED/MTE, que consolida números dos registros oficiais das empresas e mapear o mercado formal de trabalho, a PNAD/IBGE é uma pesquisa que busca captar informações gerais sobre a situação do trabalho de forma geral.

A cada trimestre, são investigados 211.344 domicílios particulares permanentes, em aproximadamente 16.000 setores censitários, distribuídos em cerca de 3.500 municípios.

São classificadas como desocupadas na semana de referência (semana da pesquisa) as pessoas não ocupadas nesse período, que tomaram alguma providência efetiva para conseguir um trabalho no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para iniciar um trabalho na semana de referência.

A taxa de desocupação, também conhecida como “taxa de desemprego”, leva em consideração as pessoas que estão disponíveis para o trabalho e buscaram emprego mas que não conseguiram uma colocação no mercado de trabalho. Seu cálculo se dá a partir da proporção das pessoas desocupadas em relação a força de trabalho, que são as pessoas em idade para trabalhar e que estão ocupadas ou desocupadas no período de referência.

A taxa de informalidade é o percentual de informais dentro da população ocupada. Nesse contexto, a situação de informalidade se refere às pessoas ocupadas como “Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada, exclusive trabalhador doméstico”, “Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada”, “Empregador sem CNPJ”, “Conta própria sem CNPJ” e “Trabalhador familiar auxiliar”.

A taxa de subutilização da força de trabalho corresponde à proporção da população economicamente ativa que enfrenta insuficiência de ocupação. Esse indicador engloba os desocupados (pessoas que procuram emprego, mas não conseguem), os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (aqueles que trabalham menos do que desejam) e a força de trabalho potencial (indivíduos que gostariam de trabalhar, mas não buscaram emprego devido a motivos específicos, como desânimo ou indisponibilidade temporária).

Os dados do Mercado de Trabalho Formal são disponibilizados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Órgão do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), para o Brasil e Unidades de Federação. Os resultados da pesquisa possuem um mês de defasagem.

EXPEDIENTE: Presidente do Sistema Fecomércio-ES/Sesc/Senac: Idalberto Luiz Moro | Diretor Interino Sesc-ES: Richardson Schmittel | Diretor Senac-ES: Richardson Schmittel | Superintendente Fecomércio-ES: Wagner Corrêa | Diretor de Relações Institucionais Fecomércio-ES: Marcus Magalhães | Equipe Connect Fecomércio-ES: André Spalenza : Karina Tonini : Felipe Montini : Eduarda Gripp : Gercione Dionizio : Paulo Rody : Mateus Haddad | Tel.: 3205-0706 | www.fecomercio-es.com.br